



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
GRADUAÇÃO EM ZOOTECNIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERAPIA FACILITADA POR CÃES: ESTUDO DE CASO

NATHÂNIA KALIERY LUCENA DE SOUSA

AREIA-PB
JUNHO/2016

NATHÂNIA KALIERY LUCENA DE SOUSA

TERAPIA FACILITADA POR CÃES: ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Zootecnia no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, como parte do requisito para obtenção do título de Bacharel em Zootecnia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivia Carmem Talieri

Areia-PB
Junho/2016

NATHÂNIA KALIERY LUCENA DE SOUSA

TERAPIA FACILITADA POR CÃES: ESTUDO DE CASO

Prof^ª. Dr^ª. Ivia Carmem Talieri
Orientadora, UFPB/DCV

Mestre Severino Guilherme Caetano Gonçalves dos Santos
Examinador, UFPB/PDIZ

Prof^ª.Dr^ª. Danila Barreiro Campos
Examinadora, UFPB/DCV

LOCAL _____ DATA ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus pais **Marcos Sousa** e **Maria do Socorro Lucena**, por sempre estarem ao meu lado se fazendo presente até mesmo nos momentos de distância. O amor e o apoio de vocês fizeram e fazem com que eu sempre queira ir em busca do melhor, procurando realizar todos os meus objetivos. Ao meu avô paterno, **José de Sousa Leite** (*in memoriam*), que também sempre me apoiou e a minha avó materna, **Maria do Carmo Ribeiro**, que é uma segunda mãe para todos nós da Família Lucena, querendo ver o bem de todos da família e dando todo seu apoio e carinho para seguirmos em busca do que desejamos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir estar vivenciando este momento, me concedendo saúde, força e ânimo para continuar adiante independente dos obstáculos que me foram colocados no caminho.

À Universidade por me proporcionar essa bagagem de conhecimentos necessária para a formação de um bom profissional da Zootecnia. Ao seu corpo docente, à coordenação do curso por sempre estar à disposição para ajudar na solução dos mais diferenciados problemas que vieram a surgir ao longo dessa formação acadêmica e a todos os colegas de turma pelos bons momentos durante esses anos como universitários.

À minha orientadora, **Ivia Talieri**, pelo seu apoio e confiança durante a elaboração do trabalho.

Aos meus pais por seu amor incondicional e todo seu incentivo para atingir meu objetivo dentro dessa universidade. À minha prima, **Goedhi Marques**, pela hospedagem em todas as minhas visitas à Recife para a pesquisa do TCC.

À toda a equipe do “Cães Doutores” do Recife, em especial para a Terapeuta, **Andréa Souza**, por todo seu apoio e contribuição para a realização desse trabalho.

À minha colega e amiga, **Amanda Kelly**, por todos esses anos de apoio e amizade. À minha amiga, **Nathalia Dantas**, por sempre me ajudar quando precisei.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação profissional, o meu muito obrigada.

“Nossos amados bichos de estimação são como vitaminas que nos fortalecem contra ameaças invisíveis; como cintos de segurança nos protegendo contra os desastres da vida; como sistema de alarme nos proporcionando um sentimento de segurança; o poder curativo dos bichos é de fato um poderoso medicamento.”

Dr. Martin Becker

RESUMO

SOUSA, Nathânia Kaliery Lucena, Universidade Federal da Paraíba, junho, 2016. **Terapia facilitada por cães: estudo de caso.** Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivia Carmem Talieri.

A Terapia Assistida por Animais (TAA), em especial a Terapia Facilitada por Cães (TFC) ou cinoterapia, tem se tornado uma prática cada vez mais comum no mundo e que vem crescendo no Brasil nos últimos dez anos. São vários os profissionais responsáveis pela realização desse trabalho, envolvendo as áreas das ciências humanas, animal e social. A TFC utiliza o cão como facilitador na comunicação do profissional com o paciente a fim de gerar inúmeros benefícios, como a melhora no condicionamento físico e no bem-estar emocional desses indivíduos que a praticam. O objetivo desse estudo foi relatar as atividades de um grupo de profissionais que trabalham com TFC, garantindo a qualidade de vida para pacientes enfermos nos mais diferentes ambientes. O acompanhamento das atividades de TAA ocorreu na cidade de Recife (PE) com a equipe “Cães Doutores”. Durante o acompanhamento do grupo foi possível observar a importância da relação homem-animal como benefício terapêutico; as exigências necessárias para um cão se tornar um coterapeuta, e todo o treinamento e avaliação comportamental do cão até ele se tornar apto para a cinoterapia.

Palavras-chave: animais, zooterapia, cinoterapia, avaliação comportamental, relação homem-animal.

ABSTRACT

SOUSA, Nathânia Kaliery Lucena, Federal University of Paraíba, June, 2016. **Dog Facilitated Therapy: case report.** Advisor: Dr. Ivia Carmem Talieri.

The Animal Assisted Therapy (AAT), especially Dog Facilitated Therapy (DFT) or Dog therapy, has become an increasingly common practice in the world and is growing in Brazil in the last ten years. Several professionals are responsible for carrying out this work, involving the areas of humanities, animal science, and social. DFT uses the dog as a communication facilitator between the professional and the patient in order to generate numerous benefits, such as physical fitness improvement and emotional well-being of those individuals who undergo this form of treatment. The aim of this study was to report the activities of a group of professionals working with TFC, ensuring quality of life for sick patients in many different environments. The monitoring of AAT activities took place in the city of Recife (PE), with the Dogs Doctors team. During monitoring the group it was observed the importance of the human-animal relationship as a therapeutic benefit, the necessary requirements for a dog to become a co-therapist, and all the training and behavioral assessment of the dog until it becomes ready to act as a dog therapist.

Keywords: animals, zooterapia, dog therapy, behavioral assessment, human-animal relationship.

LISTA DE ABREVIACÕES

AAA – Atividade Assistida por Animais

AKC – American Kennel Club

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CGC – Canine Good Citizen Test/Avaliação de Cães para Bom Temperamento

HBL – Hospital Barão de Lucena

HC – Hospital das Clínicas

IMIP – Instituto Materno Infantil Prof. Fernando Figueira

SRD – Sem Raça Definida

TAA – Terapia Assistida por Animais

TDAH – Transtorno por Déficit de Atenção com Hiperatividade

TDI – Therapy Dogs International/Cães de Terapia Internacional

TFC – Terapia Facilitada por Cães

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1 Relação homem-animal para fins terapêuticos	3
2.2 Dados históricos da A/TAA no Brasil e no mundo	5
2.3 Testes comportamentais para cães	7
2.4 Características de um cão coterapeuta	11
2.5 Cães não aptos para A/TAA	12
3. MATERIAL E MÉTODOS	14
3.1 Preparações dos Cães Doutores para as sessões de A/TAA	15
3.2 Sessões de TAA no Hospital Barão de Lucena (HBL)	15
3.3 Sessões de A/TAA no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)	17
3.4 Sessões de AAA na Associação Novo Rumo	18
3.5 Sessões de TAA no Hospital das Clínicas (HC)	19
3.6 Sessões de AAA na Pousada Geriátrica São Felix	20
3.7 Sessões de TAA no Instituto Materno Infantil (IMIP)	20
3.8 Avaliação comportamental dos “Cães Doutores”	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	35
APÊNDICE1 - Relato de experiência por profissional no HBL	35
APÊNDICE2 - Relato de experiência por familiar	37
APÊNDICE3 - Relato de experiência por profissional no CAPS	38
ANEXO	39

1. INTRODUÇÃO

A Terapia Facilitada por Cães (TFC) ou Cinoterapia é uma modalidade de tratamento que utiliza o cão como facilitador para a realização das atividades terapêuticas promovendo a saúde física, mental e emocional através de mecanismos básicos como estímulo tátil, possibilitando a diminuição da solidão, depressão e ansiedade. Também produz efeitos no sistema nervoso gerando inibição da dor, mesmo que seja momentânea, e estimulando a memória dos pacientes com perguntas simples acerca das características físicas do cão (DOTTI, 2005; BECKER e MORTON, 2003).

Segundo Becker e Morton (2003) os cães podem auxiliar os pacientes da Terapia Assistida por Animais (TAA) desviando o foco da sua dor e melhorando seu ânimo. Mediante o contato físico é capaz de bloquear a transmissão da dor para a região periférica do sistema nervoso central, impedindo o processamento da mesma pelo cérebro do indivíduo. Portanto, a Cinoterapia é capaz de aliviar o sofrimento que o paciente enfrenta com aquela doença sem a necessidade de recorrer apenas aos fármacos.

O uso de animais no tratamento de pacientes não é recente, há registros desde o ano de 1792, no Retiro York, centro clínico localizado na Inglaterra. O responsável por implementar este método de tratamento humanizado, assim chamado na época, dos doentes mentais, foi o filantropo inglês William Tuke. Ele utilizou os animais da instituição para motivar os pacientes a cooperar com o tratamento, trabalhando de forma mais humana e benéfica para o seu bem-estar.

Entretanto, os estudos científicos só surgiram em meados dos anos 80, demonstrando que realmente era benéfica a relação homem-animal como meio de facilitar a comunicação entre paciente e profissional. Embora a história do surgimento da Terapia Assistida por Animais, bem como a Cinoterapia seja antiga, atualmente ainda existem pessoas que desconhecem o seu significado. No Brasil existem poucas instituições que trabalham com esta modalidade terapêutica.

Perante estas informações podemos notar o quão benéfico é a convivência entre o homem e o cão, porém ainda são necessárias mais pesquisas para comprovar à comunidade médica que estes benefícios não ocorrem por acaso e para que o Brasil se iguale a outros países (Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra) que trabalham há mais tempo com a A/TAA (Atividade/Terapia Assistida por Animais). Do mesmo modo, é

imprescindível que se tenha mais estudos sobre a Cinoterapia dentro da área animal, envolvendo o médico veterinário e o zootecnista com os profissionais da área da saúde, visto que são eles que possuem capacitação em comportamento de animais domésticos.

Objetivou-se investigar os possíveis efeitos da relação terapeuta-paciente-cão sobre pacientes do Centro de Transtornos Mentais, Associações de crianças com síndromes e hospitais, em Recife-PE.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Relação homem-animal para fins terapêuticos

A história da convivência do homem com o cão existe desde o Paleolítico, por meio da divisão de trabalho entre os sexos da espécie humana. Enquanto o homem era responsável pela busca do alimento através da caça, a mulher cuidava da coleta de frutos e legumes, bem como, do cuidado com os filhos. Mediante a necessidade da caça ocorreu o início das relações entre humanos e canídeos. Pesquisas voltadas para a área da Zooarqueologia e da Antropologia alegam que foram as mulheres as responsáveis pela aproximação entre as duas espécies e pelo primeiro ato de domesticação e convivência harmoniosa entre humanos e os ancestrais dos cães domésticos, os lobos selvagens (APROBATO FILHO, 2010).

Uma hipótese sugere que esta aproximação possa ter ocorrido devido ao fato das matilhas de lobos representarem uma ameaça às populações humanas. A necessidade de se defender dos ataques dos animais levou o homem a eliminar os lobos adultos que rondavam suas habitações e, com isso, deixavam uma grande quantidade de filhotes órfãos. Sem a presença dos pais, os filhotes de lobos tornavam-se presas fáceis na natureza, mas eram atraídos pelos odores produzidos nas atividades humanas, aproximando-se dos acampamentos. As mulheres, por sua vez, amamentavam-os com o mesmo leite destinado aos filhos. Desse modo, fizeram com que os filhotes passassem a fazer parte do grupo. Então, o homem passou a domesticar os lobos filhotes e utilizá-los a seu favor, dando início a uma socialização entre homem e cão (APROBATO FILHO, 2010).

O dito popular “o cão é o melhor amigo do homem” expressa justamente a história evolutiva dessa espécie com o ser humano, a antiga convivência e as semelhanças entre si. De acordo com Grandin e Johnson (2006) *apud* Heiden e Santos (2012), uma pesquisa recente do DNA dos cães comprovou que essas duas espécies, cão e homem, podem estar convivendo há mais de cem mil anos. Durante esse tempo, na sua evolução, desenvolveram a capacidade de inibir a agressividade contra os seres humanos, e estes, por sua vez, desenvolveram a capacidade de cuidar da agressividade do cão. Os mesmos autores ainda afirmam que as semelhanças entre eles ocorrem pelo seu apego social e pela sua aprendizagem por meio da observação.

Com o passar dos milênios, a interação entre homem e cão aumentou tanto que houve a criação de diversas raças de cães, por meio da seleção genética artificial feita pelo homem. Os cães passaram a conviver com o homem dentro das casas, proporcionando companhia, afeto, alegria e ajudando-o a viver de maneira mais saudável. (THALMANN et al, 2013). Estudos comprovam os benefícios de um cão na vida de um ser humano, o simples ato de acariciar o animal é capaz de reduzir a pressão arterial, liberando o hormônio do relaxamento (serotonina) e diminuindo o hormônio do estresse (cortisol). Diante disso, os cães são utilizados como facilitadores nas terapias para crianças, idosos, jovens e adultos. (DOTTI, 2005; BECKER; MORTON, 2003).

Os cães são utilizados como facilitadores nas terapias por serem animais sociais, permitindo que essa interação homem-animal ocorra mais facilmente. A sua escolha, como sendo o animal mais utilizado para sessões de Terapia Assistida por Animais (TAA) se dá devido à sua espontaneidade durante a interação e sua grande inteligência, possibilitando um fácil adestramento (DOTTI, 2005).

Segundo Dotti (2005), a A/TAA tem sido eficaz para diversas deficiências, como paralisia cerebral, desordens neurológicas, ortopédicas e mentais como a síndrome de Down, ou ainda para problemas sociais, como os distúrbios de comportamento, autismo, esquizofrenia e psicoses; comprometimentos emocionais, deficiências visuais e auditivas. Além disso, tem ajudado bastante nos problemas de distúrbio de atenção, de aprendizagem e de percepção, comunicação e hiperatividade, podendo regular ainda sinais de insônia e estresse.

Um estudo conduzido na Universidade Estadual de Washington demonstrou que os cães podem chamar a atenção das crianças autistas. O estudo foi realizado por François Martin e sua equipe, com a gravação em vídeo de três condições com as crianças: um terapeuta com uma bola, outro com um animal de pelúcia e o último com um cão. Foram 45 sessões em 15 semanas. As crianças olhavam o cão e conversavam com ele por maior período de tempo do que nas outras duas situações (DOTTI, 2005).

Em relação a esquizofrênicos, foi feita uma pesquisa no Instituto Technion de Israel, no começo de 2005. Durante 10 semanas um grupo participou de consultas com a presença de cães e outro só com o terapeuta. As pessoas que estiveram com os cachorros reagiram com maior satisfação aos estímulos durante as sessões. Os animais são

receptivos, deixando os pacientes esquizofrênicos mais confortáveis e à vontade para expressarem-se (FOLLAIN, 2009).

A presença de um cão também pode controlar os níveis de estresse. Em um estudo com corretores da bolsa de valores da cidade de Nova York, em Buffalo, pode-se observar que os níveis de estresse baixaram de maneira drástica entre os corretores que levaram um animal para casa, com quase metade deles suspendendo seus medicamentos (BECKER; MORTON, 2003).

É notório como a presença do animal na vida do ser humano é benéfica, mas e quanto a nós, será que também fazemos esse bem na vida deles? Segundo estudiosos, o contato social, seja entre indivíduos da mesma espécie ou de espécies diferentes, tem sido bastante utilizado como uma ferramenta importante na melhora dos níveis de bem-estar de animais cativos, domésticos ou silvestres. Esse contato se mostra eficaz por apresentar uma redução na exibição de comportamentos anormais ou indesejáveis dos animais e também no aumento de comportamentos afiliativos, reduzindo o medo e promovendo padrões mais desejáveis de comportamento (VASCONCELLOS, 2016).

Estudos mais aprofundados sobre os efeitos de interações com seres humanos têm tido cães como principais sujeitos, justamente por se tratar da espécie com maior vínculo afetivo com o homem. De modo geral, o simples ato de afagar um cão pode induzir nele respostas autonômicas e esqueléticas proporcionando uma redução do estresse, ou seja, o afago promove melhores condições de bem-estar ao cão. Este estudo foi realizado com cães de abrigo que normalmente chegam nesse local após sofrer algum ato de agressão, seja por parte do ser humano ou de outro animal, o que pode torná-lo agressivo e aumentar as concentrações de cortisol, devido ao medo causado por aquele trauma. Estas situações podem ser comparadas àquelas que acontecem com uma pessoa que passa por um trauma, tornando-se isolada e insegura e prejudicando sua qualidade de vida (VASCONCELLOS, 2016).

2.2 Dados históricos da A/TAA no Brasil e no mundo

Tudo começou no ano de 1792, no York Asylum, localizado na Inglaterra, após o falecimento da paciente chamada Hannah Mills que, segundo acusações familiares, sua morte se deu por maus tratos e negligência da equipe do asilo. Os familiares da Hannah haviam pedido para que ela fosse cuidada por um grupo chamado “Society of Friends”, o

qual teve início no York Retreat (Retiro York) e, cujo lema para os tratamentos, era “cristandade e senso comum”. Contudo, o pedido foi negado pela administração do local, alegando que a paciente não tinha condições de receber visitas de estranhos. Então, após o incidente com esta paciente o responsável pelo grupo, William Tuke, decidiu implantar um novo sistema de tratamento no asilo, afim de mudar toda a forma de trabalho naquele local (ROCHA et al, 2016b).

William Tuke acreditava que se os pacientes fossem bem tratados, sem métodos agressivos e severos de contenção, eles poderiam ser mais racionais e conseguir se controlar melhor. Eles eram encorajados a realizar diversas atividades promovendo melhora de seu autocontrole ao trabalhar mais com a confiança, participavam também de oficinas de leitura e artesanato. Tinham horários livres no jardim e pátios do asilo, e cada grupo de paciente cuidava de um tipo de animal, dentre eles haviam coelhos, gaivotas, galinhas e falcões. Após o sucesso com essa experiência, William e seu neto ficaram à frente da reforma do York Asylum, transformando todos os tratamentos para esse modelo. York Retreat existe até os dias de hoje (ROCHA et al, 2016b).

Por volta de 1830, na Europa, importantes mudanças e novas recomendações com doentes mentais, passaram a ocorrer. Os locais que iriam tratar de pessoas mentalmente especiais deveriam manter muitos animais na propriedade, como ovelhas, lebres, coelhos, macacos e espécies de animais domésticos ou sociais. O objetivo desta recomendação era criar ambientes mais agradáveis e menos semelhantes às prisões. A partir daí houve introdução de cães, em hospitais na Alemanha, e posteriormente nos Estados Unidos, mais especificamente no Hospital Saint Elizabeth, na cidade de Washington, que acolhia soldados veteranos com doenças mentais (ROCHA et al, 2016b).

Entretanto, os estudos científicos só foram publicados a partir da década de 1960 com o Dr. Boris Levinson, que descreveu o uso de animais na psicologia. Ele descobriu os efeitos benéficos da terapia com cães através do seu cão de estimação quando um dia, Jingles, seu cachorro, entrou no seu consultório quando ele estava atendendo uma criança com sérios problemas psíquicos e que não se comunicava com ninguém. Neste dia, porém, a criança passou a ter interesse em Jingles. Diante disso, o médico passou a levar o seu cão a todas as consultas com aquela criança, e cada vez mais ela interagiu com o cão, parecendo que não havia mais ninguém na sala além do cachorro. Contudo, a criança passou a incluir conscientemente o terapeuta nas brincadeiras com o cão. Foi assim que

Dr. Boris Levinson conseguiu trabalhar melhor com ela e resolver o seu problema (DOTTI, 2005).

Segundo Dotti (2005) e Rocha et al. (2016b), quem deu início, no Brasil, à utilização de animais no tratamento de pacientes com problemas mentais, foi a psiquiatra Dra. Nise da Silveira, no hospital psiquiátrico Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Nise lutou contra os modos antigos nos quais os pacientes eram tratados, passando por sessões de eletrochoques e isolamento social. Fez uso de cães e gatos em terapias com os pacientes psicóticos para atrair sua atenção e seu afeto, procurando, além disso, estabelecer uma ponte com o mundo real. Ela acreditava que os animais, principalmente o cão, nunca provocavam frustrações e sempre trazia alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos, por sua vez, com seu jeito mais discreto e esquivo se assemelhavam muito aos pacientes que apresentavam esquizofrenia.

Atualmente, existem diversas instituições e projetos desenvolvidos com a finalidade de trabalhar com animais em sessões de terapia. Um dos mais expressivos é o Projeto Pet Smile, criado em 1985 pela veterinária e doutora em psicologia Hannelore Fuchs, na cidade de São Paulo. Neste projeto eles trabalham com diversos animais, o que caracteriza um caso de Zooterapia, coelhos, porquinho-da-índia, peixes, cães, gatos, etc. (ROCHA et al, 2016b). Além da cidade de São Paulo, também existem trabalhos semelhantes em Curitiba-PR, com o Projeto Amigo Bicho, e em Recife-PE, com o Projeto Cães Doutores, que será o foco deste estudo.

2.3 Testes comportamentais para cães

As atividades terapêuticas desenvolvidas com o auxílio dos cães estão presentes em diversos ambientes, como os hospitais, centros de atendimentos psicossociais, pousadas geriátricas e tantos outros. Diante dessa amplitude de atendimentos, o trabalho com os cães requer segurança tanto para os animais quanto para as pessoas que estão fazendo parte do programa de A/TAA. Por isso, torna-se imprescindível a realização de testes para avaliar o comportamento e o temperamento dos animais. Nos Estados Unidos existem instituições conceituadas que desenvolvem testes apropriados para conhecer o cão quanto ao seu temperamento e verificar se aquele animal estaria apto para exercer o papel de coterapeuta numa sessão de Cinoterapia.

Instituições como a Therapy Dogs International (TDI) e o Pet Partners Program são os principais nomes de instituições que utilizam um teste de seleção de cães com base no teste do American Kennel Club (AKC), comumente conhecido como o CGC, *Canine Good Citizen Test* – avaliação de cães para bom temperamento (ROCHA, 2016a). É comum que se faça uso desses testes conforme as necessidades de cada programa de Cinoterapia para cada realidade e localidade que este será aplicado. Não é preciso, necessariamente, seguir um único teste. Por este motivo, se faz adaptações para melhorar ainda mais a avaliação dos cães.

Segundo Rocha (2016a) os testes são baseados nas seguintes categorias:

✓ CGC

- **Interagir com pessoas estranhas** – Nesse teste o cão tem que aceitar que pessoas estranhas falem com ele e toquem nele, precisa sentar educadamente para ser acariciado nos pelos e ter paciência para a duração desse afago, se comportando ao longo dos toques realizados em sua pelagem.
- **Andar e esperar** – O cão deve estar sempre atento ao seu tutor independente do que ocorre a sua volta, andando calmamente com a guia ou sem a guia, obedecendo seu tutor quando lhe for mandando que fique em determinado lugar ou que vá ao encontro do tutor quando o mesmo chamar pelo cão.
- **Lidar com outros cães, distrações e separação como um profissional** – O ponto chave nesse item é que o cão consiga reagir de forma adequada para qualquer situação incomum que ocorra naquele ambiente. Ele não precisa e não vai ser indiferente a tudo, mas é fundamental que saiba reagir apropriadamente na presença de outro cão, com distrações (sons e objetos) e na separação supervisionada (fora da vista do tutor).

Observações quanto a esse teste: é aplicado para qualquer tipo de cão e para qualquer finalidade, o animal requer ter pelo menos seis meses de idade para iniciar o treinamento.

✓ TDI

Diferentemente do CGC, o teste TDI avalia o cão no ambiente próprio para a sessão de A/TAA, ou seja, o cão é provisoriamente um coterapeuta, sendo avaliado em 13 situações-testes:

1. Entrada no local de trabalho (área externa).
2. Entrada no local de trabalho fora do campo de visão do condutor.
3. Aproximação de várias pessoas.
4. Comandos “senta” e “fica” em grupo.
5. Comandos “deita” e “fica” em grupo.
6. Ir até a pessoa quando chamado.
7. Vontade de encontro com o paciente e abertura para carinho.
8. Situações incomuns (muleta, barulho, gritos, etc.).
9. Comando “deixa” (petisco oferecido por paciente).
10. Comando “deixa” (petisco no chão).
11. Encontro com outro cão.
12. Entrar pela porta do local da sessão (área interna).
13. Lidar com crianças (sem contato direto).

Duas observações importantes quanto ao uso desse teste: os cães precisam estar utilizando guias de 1,8m e devem ter no mínimo um ano de idade.

✓ Pet Partners Program

Nesse teste ocorre uma junção do CGC e o TDI, porque avalia as habilidades do cão que está fortemente integrado no CGC e também avalia o cão no ambiente que irá ser realizada as sessões de A/TAA, denominado de teste de atitude. São 21 situações-testes para essa avaliação comportamental que também irá observar a postura do tutor junto ao cão.

Teste de habilidades:

1. Aceitar uma pessoa estranha amigavelmente.
2. Sentar educadamente para carinho.
3. Ter aparência limpa e se comportar durante os cuidados com a pelagem.
4. Andar com guia solta.
5. Andar em uma multidão.
6. Reação a distrações.
7. Sentar após pedido.
8. Deitar após pedido.
9. Ficar.

10. Ir até a pessoa quando chamado.
11. Reação a um cão neutro.

Teste de atitudes:

1. Exame geral para testar sensibilidade ao toque.
2. Carinhos exagerados e desajeitados.
3. Abraço restritivo.
4. Pessoa cambaleando e gesticulando exageradamente.
5. Pessoa brava gritando.
6. Pessoa que colide com o animal por trás.
7. Cercado por pessoas e recebendo carinho de diversas pessoas ao mesmo tempo.
8. Comando “deixa” (ignorar um brinquedo deixado próximo ao cão).
9. Pegar o petisco da mão de uma pessoa com cuidado.
10. Reação geral: normalmente as reações do cão foram positivas e aceitáveis?

Avaliação:

Ao final desse teste o cão e seu tutor recebem uma das avaliações a seguir:

1. **Não adequado para terapia assistida:** por apresentar problemas de agressividade, medo ou timidez excessivos do cão. Nesse caso, o recomendado é que o tutor não reavalie seu cão futuramente, pois a razão da sua reprovação já o torna inapropriado para este serviço.
2. **Não está pronto, precisa de mais treino e cuidados antes de ser testado novamente:** no momento a dupla não pode ser aprovada, mas tem potencial para o serviço e podem ser reavaliados novamente.
3. **Está pronto, mas apenas para alguns tipos de interações em que as atividades e circunstâncias são consistentes e previsíveis, e com supervisão:** o cão e seu tutor podem ter se saído bem na presença de idosos, por exemplo, mas não obtiveram bons resultados ao interagir com crianças ou adultos em hospital e associações em estado mais delicado. Nesse item, a dupla após realizar mais treinos pode passar novamente pelo teste para tentar aprovação no nível seguinte.

4. **Está pronto para trabalhar em atividades com alta complexidade e potencialmente imprevisíveis e sem maior equipe de supervisão:** o cão e o tutor são aptos a participarem de sessões em hospitais com pacientes em estado clínico grave.

Para a realização desses testes o avaliador deve ter uma formação específica, precisa ter um curso que atenda às exigências necessárias para poder identificar as características comportamentais no cão e posteriormente trabalhar o seu adestramento tornando o animal apto para determinado serviço ou saber quando o mesmo não se enquadra nessa atividade (ROCHA, 2016a).

2.4 Características de um cão coterapeuta

O papel do cão na TFC é receber o paciente demonstrando que está presente para interagir com ele através de um estímulo tátil, do contato visual ou da aproximação física. O animal funciona como um objeto transicional, porém, respeitando suas características próprias, reagindo e respondendo às ações do paciente. De modo algum se deve tentar humanizar o animal, impondo as condições e vontades. O correto é sempre valorizar as necessidades do cão balanceando-as com as necessidades do paciente e de toda a equipe envolvida no trabalho (ROMA, 2016).

O cão com um perfil adequado para trabalhar na TFC deve obedecer os comandos básicos do seu dono, tais como: senta, deita, fica, não. Além disso, deve ser um animal receptivo a estranhos, não latir ou rosnar para um desconhecido quando se aproxima dele ou do seu dono, permitir ser tocado por outras pessoas na presença ou não do seu dono não se incomodar com a presença de outros cães, reagir com segurança a situações inesperadas e andar tranquilo com a guia. A raça do animal não é um requisito para se tornar um cão coterapeuta, inclusive se pode muito bem trabalhar com cães do tipo SRD (sem raça definida). Contudo, é claro, saber a raça do animal permite conhecer melhor o seu temperamento e comportamento. (AIELLO, 2005).

Portanto, segundo Aiello (2005), para um cão ser considerado apto a um programa de Cinoterapia deve apresentar características envolvendo três segmentos:

- ✓ Temperamento

O animal deve apresentar tranquilidade perante qualquer situação incomum, como por exemplo: a tosse de um idoso, o barulho da pessoa na cadeira de rodas, o grito de uma criança. O cão precisa ser dócil por se encontrar fazendo parte da vida emotiva de uma pessoa. Se o idoso ou a criança busca afeto com o animal o mesmo deve ser receptivo, não demonstrar preocupação com a localização do seu tutor naquele momento. Esta última característica é muito importante, porque ainda que o cão seja calmo e sociável, esse tipo de comportamento pode levar a interpretações errôneas por parte do paciente, que poderá achar que o apego ao tutor é uma rejeição a ele.

No momento da A/TAA o cão será submetido a diversos afagos e toques, então ele deverá ser manso e não reagir com agressividade. Precisa ser um animal confiante, porque cães medrosos costumam ter reações repentinas como fugas e ataques.

✓ Socialização

Quando o cão apresenta uma boa socialização ele possui o primeiro passo para a realização de um adestramento. Animais que se enquadram nessa característica são aqueles que apresentam curiosidade com pessoas ou objetos, facilitando na interação, e cães que se apresentam indiferentes quanto a barulhos diversos. Nesse caso, o cão dá uma atenção momentânea aquele barulho justamente por conta do seu instinto de curiosidade, porém não reage de forma negativa. Demonstrando ser passivo e atencioso, além de ter um bom instinto alerta.

✓ Adestramento

Algumas raças de cães apresentam melhor desempenho no adestramento do que outras, porém todos os cães podem ser adestrados, apenas uns levam mais tempo e requer mais treinos do que outros. Para a A/TAA os cães devem responder aos comandos mais básicos no adestramento, com o passar dos treinamentos podem ser ensinados outros comandos, como por exemplo: dar a patinha, pular, rolar, latir, dentre outros. (AIELLO,2005).

2.5 Cães não aptos para A/TAA

Conforme Aiello (2005) é função do avaliador comportamental ou adestrador informar a razão pela qual aquele cão não se encontra apto para realizar um programa como coterapeuta. Após os testes comportamentais, o cão pode vir a falhar em um ou mais dos itens listados acima (temperamento – socialização – adestramento). O cão pode

ter um forte vínculo de posse sobre o dono dificultando a interação com o avaliador durante os testes, se apresentando de forma agressiva cada vez que o adestrador tente contato direto com o animal ou com o seu dono.

Além do seu comportamento e temperamento indesejado, o cão pode também ser reprovado por se encontrar naquele momento com alguma enfermidade ou lesões. Animais doentes podem reagir de forma agressiva, ainda que não tenham históricos de agressividade. Deste modo, é de extrema importância que se faça um teste de avaliação física do cão antes mesmo da avaliação comportamental. Becker e Morton (2003) dizem que os animais devem ser avaliados por profissionais da área veterinária com finalidade de constatar a saúde física do cão e por um profissional com especialidade na área de comportamento animal para avaliar o cão quanto a sua socialização, obediência e temperamento. Somente após essas avaliações é que o animal se encontra apto para iniciar o treinamento para a A/TAA e assim conseguir os resultados esperados.

Um ponto desfavorável para um cão realizar esse trabalho é quando ainda é filhote. Cães nessa fase tem necessidades de morder objetos devido ao crescimento dos seus dentes, e são animais que ainda estão se adaptando com o mundo externo e não completaram sua fase de socialização. (DOTTI; AIELLO, 2005)

Uma observação importante também ocorre quanto às fêmeas no cio, que não devem ser utilizadas nas sessões de A/TAA para não desviar a atenção dos cães machos presentes no programa. Se ocorrer uma situação desse tipo em que o voluntário não soube reconhecer os sinais do cio da cadela, e durante a sessão os machos se encontrarem agitados na presença dessa fêmea, ela deverá ser retirada provisoriamente da sessão de A/TAA até o final do cio. (DOTTI; AIELLO, 2005).

3. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na cidade de Recife-PE com a equipe do “Cães Doutores”, com duração de três meses. As atividades foram divididas em Sessões de Terapia e Avaliação Comportamental. No primeiro caso, foram feitas visitas durante os meses de fevereiro e abril, em diferentes dias da semana, atendendo centro de transtornos mentais para jovens e adultos, hospitais com a presença de adultos e crianças, e associações de crianças com síndromes. No segundo caso, avaliação comportamental, as visitas ocorreram durante os finais de semana do mês de março no Kennel Club de Pernambuco, em Recife, com a participação dos adestradores que fazem parte da equipe de Cinoterapia.

As visitas nas instituições são feitas mediante agendamento. A equipe possui um calendário mensal de visitas em todas as seis instituições que o projeto “Cães Doutores” atende. Os membros da equipe se disponibilizam de acordo com os seus horários livres, visto que são todos voluntários. Geralmente cada um atende duas instituições ao mês ou apenas uma, dependendo da sua disponibilidade. O número de voluntários é grande, bem como o número de cães conforme o Quadro 1, mesmo assim, o grupo deseja conseguir mais voluntários, já que o projeto possui mais seis instituições esperando para fazer parte desse trabalho.

Quadro 1: Identificação dos cães que efetivamente fazem parte do projeto “Cães Doutores”, em Recife-PE.

RAÇA	IDADE	NOME
Pinscher miniatura	2 anos	Mel
Golden Retriever	8 anos	Bruce
Sharpei	1 ano e 10 meses	Brigite
Pug	2 anos e 5 meses	Lara
Labrador	7 anos	Bono
Spitz Alemão	2 anos	Kiker
Golden Retriever	1 ano e 5 meses	Nala
SRD	6 anos	Freud
Golden Retriever	2 anos e 5 meses	Jake
Shih Tzu	1 ano	Luna
Golden Retriever	2 anos e 3 meses	Justin

Pinscher	2 anos	Juju
Shih Tzu	2 anos e 1 mês	Chandon

Os materiais utilizados durante as sessões terapêuticas foram:

- Brinquedos de borrachas como bola e osso para interagir com o cão;
- Colete funcional com zíper e botões para usar no cão e promover a interação com a criança;
- Escova para usar no pelo do cão;
- Violão e cantoria nas sessões de TAA do IMIP;
- Fantoches de pelúcia para interagir com as crianças;
- Materiais de higiene para os cães em caso de emergências, como um kit de limpeza contendo (sacos plásticos, álcool gel, espuma secante).

3.1 Preparações dos Cães Doutores para as sessões de A/TAA

Os cães são devidamente higienizados 24 horas antes das visitas nas instituições, incluindo banho, pelo escovado, unhas cortadas e/ou lixadas, dentes escovados e orelhas limpas, tosa higiênica se necessário à raça e a limpeza do ambiente caso o animal faça suas necessidades dentro da instituição. Porém, é sempre indicado passear com o cão antes das sessões afim de que o animal defeque e urine antes de entrar no ambiente de trabalho.

Cães que apresentaram uma queda acentuada de pelos não estavam presentes nas enfermarias e nem em áreas internas, apenas nas áreas externas. Caso o animal se encontrasse no período normal de troca de pelo era informado aos indivíduos que queriam uma aproximação maior com o cão, para que não ocorresse nenhum desconforto ou problema. Cães com excesso de salivação tinham suas bocas higienizadas constantemente, por seu tutor/voluntário com o auxílio de um pano ou toalha.

3.2 Sessões de TAA no Hospital Barão de Lucena (HBL)

O Hospital Barão de Lucena foi o primeiro hospital público da região Nordeste a implantar a Cinoterapia na assistência da ala pediátrica, com o projeto “Cães Doutores”, oficializando-o em outubro de 2012. Hoje, as sessões ocorrem quinzenalmente, nas quintas-feiras das 09:00 às 10:30 horas. Os cães têm acesso ao hospital pela entrada

lateral, são levados até a Pediatria Clínica, no terceiro andar, pelo elevador de serviços, juntamente com os seus condutores.

O local das sessões é variado, a depender da necessidade do público atendido. Pode ser na enfermaria pediátrica, como na brinquedoteca, na sala de estar de acompanhantes, no hall e no corredor do Setor de Pediatria Clínica, proporcionando o contato e a interação dos cães terapeutas com os pacientes, familiares e/ou acompanhantes, bem como com toda a equipe do hospital. Os atendimentos podem ser em grupo ou individual, dependendo da condição clínica do paciente.

O público são crianças internadas no hospital, dos ambulatórios de fonoaudiologia e de saúde mental. Essas crianças apresentam paralisia cerebral, paralisia infantil, síndrome de Down, doenças degenerativas causadas por atrofia muscular, crianças que estão se recuperando de cirurgias, entre outras. As visitas ocorrem após a autorização da equipe médica e dos familiares da criança. As visitas são divididas em dois dias, com intervalo de 15 dias entre eles, um dia com atendimentos dirigidos em salas e outro com visitas e atividades no leito das enfermarias. São realizadas nos leitos da pediatria, passeio das crianças com os cães pelos corredores dessa ala do hospital, estimulando o desenvolvimento da marcha e motivando para a reabilitação, ou ainda em intervenções específicas em sala.

As crianças são conduzidas pela terapeuta a escovarem os pelos dos cães para trabalhar o alongamento e a força muscular em seus braços. Como forma de interação, as crianças são estimuladas a dar petiscos ao animal. No caso de pacientes mais debilitados coloca-se o cão mais próximo da cama dessa criança para que ela possa visualizá-lo melhor e com ajuda da terapeuta poder tocá-lo, utilizando as mãos ou os pés sobre o pelo do cão. Esse simples ato acalma o paciente.

Além disso trabalha-se bastante o sistema cognitivo dos pacientes com associações que a criança pode fazer com o cão, estimulando a memória ao falar e perguntar o nome dos mesmos. Esta tarefa ainda é capaz de trabalhar a dicção e promover o desenvolvimento da fala em alguns pacientes que apresentam essa necessidade, podendo até usar o latido do cão para esse exercício. Nos Apêndices 2 e 3 se encontram relatos dessas atividades no HBL de uma paciente portadora de Síndrome de Down submetida à cirurgia cardíaca ainda quando bebê.

A equipe dos “Cães Doutores” também participa de forma humanitária realizando festividades em datas comemorativas como a Páscoa, Dia das Crianças, Carnaval, Natal

e festas de aniversários, buscando alegrar o ambiente frio que muitas vezes ocorrem nos hospitais. No HBL todos os atendimentos são documentados em livro específico como também nos prontuários dos pacientes. São realizadas avaliações periódicas do andamento do projeto com o “Cães Doutores”.

A visita é supervisionada pela médica pediatra e chefe da Pediatria Clínica, Dr^a Valéria Bezerra, juntamente com uma equipe multidisciplinar constituída de terapeuta ocupacional, recreadoras, fisioterapeuta, assistente social, médica, fonoaudióloga e psicóloga. Desta forma, pode-se dizer que no HBL ocorre o que se denomina de Terapia Assistida por Animais (TAA), pois existe a presença de uma equipe médica para avaliar os trabalhos e avanços das crianças que estão envolvidas no projeto da Cinoterapia.

3.3 Sessões de A/TAA no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)

O CAPS Espaço LivreMente passou a ser o primeiro do Brasil a oferecer a Terapia Assistida por Animais a seus pacientes. Desde o ano de 2010, o Programa do Cão Residente foi criado quando os profissionais levaram o cão Freud para morar na instituição, com a finalidade de ajudar diariamente as pessoas adultas portadoras de transtornos mentais, a lidar com suas diversas dificuldades psíquicas, sócio afetivas, de autonomia, auxiliando-as na reinserção social.

Nessa instituição a terapeuta ocupacional Andréa Souza utiliza o cão Freud todos os dias da semana para estimular os indivíduos a realizarem atividades que envolvem o cuidado com o bem-estar do cão, mostrando-lhes a importância de cuidar de si mesmo, quanto à alimentação e à higiene pessoal, pois os transtornos mentais que muitos deles apresentam acabam dificultando a execução de cuidados diários básicos. O Apêndice 4 mostra relatos dessa atividade.

A presença de Freud, segundo a equipe terapêutica da instituição, tem ajudado significativamente no bem-estar das pessoas que frequentam o CAPS de maneira integral, que moram na instituição, ou aqueles que aparecem conforme seus dias e horários para as sessões de A/TAA. Durante uma vez por mês a equipe dos “Cães Doutores” visitam a instituição para uma hora de interação com os jovens e adultos ali presentes. Este dia é denominado como a “Tarde dos Melhores Amigos” e acontece sempre a partir das 14h30min. Nesse momento um círculo de pessoas é feito em uma sala ou na área externa do CAPS, com a presença da terapeuta ocupacional (Andréa), do adestrador e da

psicóloga da equipe “Cães Doutores” e de todos os pacientes, que se reúnem para um momento de conversa e participação junto à equipe de Cinoterapia e entre eles.

A equipe “Cães Doutores” utiliza em média três a quatro cães. Os que estavam presentes naquela tarde eram os cães Kiker, da raça Spitz Alemão, Mel uma Pinscher miniatura, Luna uma Shih Tzu e o cão residente, Freud, sem raça definida (SRD). A doutora Andréa busca estimular a memória dos usuários do CAPS quanto às características físicas de cada cão e seus respectivos nomes. É feita uma pergunta simples a cada um dos indivíduos, como por exemplo: O que ele/ela acha do cão Kiker? Todos participam falando com o que o cão se parece na opinião deles. Como Kiker é um cão de pelagem extremamente abundante e armada, de coloração caramelo e preto, com orelhas pequenas e pontiagudas, lembrando a aparência de uma raposa, a maioria dos pacientes o descreve como um bicho de pelúcia.

A cadela Luna foi descrita como dócil e carinhosa, bem como a cadelinha Mel. Por Mel ser a menor do grupo todos a acariciavam ainda com mais delicadeza e cuidado.

Freud, conhecido e querido por todos, era descrito como confiante e amigo. Os pacientes/indivíduos do CAPS veem Freud como um verdadeiro amigo e se apegaram de forma positiva ao cão. Aqueles que não conversam de início com a equipe da TAA passavam a interagir com Freud. A equipe “Cães Doutores” procura sempre manter os mesmos cães da visita anterior, pois em cada visita é perguntado aos pacientes os nomes dos cães, afim de estimular a memória dos indivíduos. Porém, a ida dos cães depende da disponibilidade dos voluntários/tutores dos animais.

3.4 Sessões de AAA na Associação Novo Rumo

Localizada no bairro Casa Amarela, na zona Norte de Recife, a Associação Novo Rumo acolhe e fornece suporte terapêutico a crianças e jovens com síndrome de Down. Os “Cães Doutores” fazem visitas uma vez ao mês na parte da tarde, das 14:30h às 15:30h. A equipe disponibiliza quatro cães para realizar a AAA. Nessa instituição se estimula bastante a parte lúdica por meio de brincadeiras com os cães. O adestrador ou o voluntário pode fazer uso de uma bola própria para cães e estimular o animal durante a brincadeira de jogar o objeto para o mesmo ir buscá-lo através do seu comando.

As crianças observam os movimentos do cão, de ir e vir com o brinquedo, e se divertem com ele. Depois o voluntário pergunta se gostariam de brincar também com o

cão, ensinando as crianças a jogar a bola para que o animal busque. Essa brincadeira, além de estimular a interação com o cão, estimula ainda a coordenação motora das crianças, melhora a sua condição emocional com momentos agradáveis e com toda a energia positiva vinda dos cães ao acariciá-los e abraçá-los.

Durante as A/TAA nas instituições a equipe procura sempre levar cães de pequeno e de grande porte, porque quando a criança demonstra algum receio ao animal utiliza-se primeiramente os cães menores, oferecendo-lhes a parte do dorso do animal para estimular o toque sobre a pelagem. Trabalhando dessa forma, as crianças perdem o receio e passam a brincar com os cães de maior porte.

3.5 Sessões de TAA no Hospital das Clínicas (HC)

Na Enfermaria de Psiquiatria do HC, em Recife, são realizadas visitas para ajudar adultos internados com problemas como depressão, distúrbios de ansiedade, síndrome do pânico, transtorno bipolar, esquizofrenia e outros, possibilitando uma interação e um vínculo entre os doentes e os cães.

As visitas acontecem uma vez por mês com duração aproximada de 45 minutos. As sessões são acompanhadas por profissionais da saúde, da mesma forma como ocorre no HBL. Anotações e avaliações do trabalho da equipe, bem como os avanços gerais na recuperação dos doentes, são registrados em fichas individuais. O HC permite apenas dois cães durante a sessão de TAA. Quando ocorre essa restrição a equipe escolhe um de raça de pequeno porte e outro de grande porte.

As sessões ocorrem dentro de uma sala na Ala de Psiquiatria do HC. Os pacientes são convidados a sentarem em círculo com os cães no centro para uma troca de comunicação e interação entre pacientes e equipe terapêutica. Os pacientes são motivados por meio do contato com os cães, estimulando-os na troca de afeto com o animal, acariciando-o ou deitando a cabeça sobre a lateral do seu corpo, promovendo assim uma sessão de bem-estar e transmitindo tranquilidade e segurança ao paciente.

Durante o tempo da sessão o foco da equipe “Cães Doutores” é favorecer maior socialização para os indivíduos permitindo que tenham um tempo de recreação e humanização afim de mudar a rotina hospitalar na qual o paciente vive diariamente. Diversos estímulos são trabalhados para ajudar o indivíduo no seu tratamento de uma forma mais lúdica e dinâmica, como ocorre, por exemplo, quando a terapeuta estimula a

verbalização entre os pacientes ao gerar uma fala direta a respeito do cão, facilitando a prática da terapia convencional fonoaudiológica.

3.6 Sessões de AAA na Pousada Geriátrica São Felix

A equipe “Cães Doutores” visita a pousada uma vez ao mês, normalmente no primeiro sábado do mês, a partir das 15h00min. O número de cães não é estipulado podendo ser quatro ou cinco, dependendo apenas da disponibilidade dos voluntários. O porte do cão também varia nessa instituição, são disponibilizados cães de pequeno e de grande porte.

Os idosos são estimulados a realizarem atividades motoras ao passear com os cães nos espaços externos da pousada, melhorando seu desempenho social e afetivo ao interagir com os cães e voluntários. Os membros da equipe buscam conversar com o idoso, e o cão é um facilitador para o início da conversa. Muitos dos pacientes já tiveram cães em algum momento da sua vida ou quiseram ter, então esse diálogo estimula funções cognitivas ao trabalhar a memória dos idosos quando lhes permitem relatar suas experiências passadas com os seus cães ou de familiares.

Como ocorre em outras instituições, na Pousada Geriátrica São Felix também se trabalha de forma humanitária ao incentivar os idosos a participarem de momentos festivos como o Dia das Mães. Neste dia as senhoras podem ter um dia de beleza para participar da comemoração, estimulando a autoestima.

3.7 Sessões de TAA no Instituto Materno Infantil (IMIP)

Diferentemente das instituições anteriores, no IMIP as sessões ocorrem durante toda manhã, normalmente em uma sexta-feira. O número de cães permitido é apenas dois, e o número de crianças é no máximo três por sessão. A TAA ocorre dentro de uma sala com a presença de psicólogas, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais.

Como a quantidade de crianças a serem atendidas é grande, a equipe faz uma divisão em grupos e cada sessão demora em média 20 minutos, sendo duas sessões antes do intervalo (às 10:00) e mais duas após o intervalo. A equipe “Cães Doutores” está presente no local a partir das 07h00min e o tempo total de atividades dura das 08:00 às 11:00h.

As sessões se iniciam sempre com uma breve cantoria infantil em voz e violão com a terapeuta ocupacional do IMIP. Nesse momento de interação com as crianças são empregados fantoches e brinquedos como blocos de construir. As psicólogas são responsáveis por anotar todo o rendimento da criança em TAA para posterior análise. Os cães são sempre um de pequeno porte e outro de grande porte.

Um termo de compromisso sempre é assinado pelos responsáveis as crianças e pela equipe médica da instituição. O termo demonstra que os mesmos estão conscientes de problemas que podem acontecer durante a sessão de Cinoterapia envolvendo os cães e os pacientes.

3.8 Avaliação comportamental dos “Cães Doutores”

Os cães destinados a fazerem parte da equipe “Cães Doutores” são avaliados com base em uma adaptação dos testes comportamentais da AKC (American Kennel Club), conhecido como CGC (*Canine Good Citizen Test*), do teste TDI (*Therapy Dogs International*) e do Pet Partners Program. O objetivo do teste seguindo o modelo original de um deles ou fazendo sua adaptação com base em cada um, tem por finalidade tornar o cão obediente e com condições de expressar bom comportamento em diversos locais e situações.

As avaliações foram realizadas no Kennel Club de Pernambuco durante todos os finais de semana do mês de março pelos adestradores do projeto: Ivan Silva, Maviael Bernardo, Marcone Barros e Morgana Freire. O Kennel Club disponibiliza uma sala para os “Cães Doutores”, onde é feita toda avaliação dos animais já efetivamente vinculados ao projeto e dos cães que estão em testes para adentrar na equipe. Os adestradores se disponibilizam durante o todo o dia de sábado e domingo pelas manhãs.

Antes de iniciar a avaliação, os tutores que desejam fazer parte da equipe respondem um questionário, onde preenchem seus dados gerais e do seu cão. Além disso, o interessado precisa esclarecer o motivo pelo qual ele quer se voluntariar. Uma outra ficha correspondente ao cão contém dados de identificação do animal e o teste de avaliação comportamental que se encontra no Anexo desse estudo. No momento da avaliação a ficha é preenchida por uma das voluntárias do projeto que acompanha o trabalho dos adestradores.

No primeiro momento da avaliação o adestrador pede para o tutor entrar com o cão na sala demonstrando os comandos que ele obedece. Após essa observação o adestrador inicia sua avaliação direta com o animal. Durante esse contato, ele procura notar qualquer presença de agressividade no cão através de estímulos táteis, retirando o animal do colo do tutor, acariciando o cão no colo tutor. O adestrador busca manter um contato próximo e distante do tutor, para saber qual o nível de dependência ou posse do animal sobre o seu tutor, como também da sua socialização com estranhos.

Em seguida, o adestrador traz outro cão para a sala e realiza novamente o mesmo teste, dessa vez observando seu comportamento na presença de outro animal para saber se ele fica disperso durante a avaliação, focando sua atenção naquele cão estranho presente no ambiente. Esta fase da avaliação é importante porque, como foi explicado anteriormente, nas sessões de A/TAA sempre terão pelo menos dois cães trabalhando, sendo necessário que o cão mantenha-se concentrado nos comandos realizados pelo tutor ou pelo adestrador.

O cão ainda é avaliado quanto ao seu temperamento, se é um animal ativo, passivo ou reativo. Para essa avaliação o adestrador testa o animal fazendo um contato mais firme ao afagá-lo, apertando seu pelo. Este contato é realizado principalmente com o animal de costas para o adestrador, conhecendo assim a reação do cão ao ser surpreendido por um estranho. Os afagos são realizados também na parte da cabeça do animal, apertando um pouco próximo as orelhas, pescoço, membros inferiores e a cauda do cão. Desse modo, o adestrador consegue observar se o cão é capaz de suportar pressão física sem reagir com agressividade, pois é comum isso ocorrer nas sessões de TAA, principalmente com crianças.

Outro teste é conhecer a reação do cão com objetos estranhos. Essa parte é importante principalmente para as sessões de TAA em hospitais. Nesse momento o adestrador utiliza objetos como muletas, cadeira de rodas, objetos metálicos colidindo no chão próximo ao cão. Isto gerará barulho que pode assustar o animal e, caso o cão não reaja perante esses objetos o mesmo se encontra apto para uma prática na enfermaria de hospitais. Caso contrário, se o cão reagir latindo, se esquivando e querendo achar um ponto de fuga, esse animal não é selecionado para esse serviço específico. Além disso, o cão é testado pelo adestrador quanto à sua reação perante estímulos com brinquedos e petiscos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das frequentadoras do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) diagnosticada com depressão, não falava com ninguém, todos lhe cumprimentavam na entrada e na saída do CAPS e a mesma não respondia, mas era seguida por Freud até o portão e funcionários da instituição perceberam a mulher se despedir do cão com palavras. De maneira geral, todos os participantes do CAPS se apegam aos animais, uns mais do que outros. A usuária Rafaela demonstrou ter uma forte ligação com os cães e gostar de estar na presença dos animais. Durante a A/TAA ela se mostrava empolgada e dizia constantemente que iria comprar um cão, pedindo orientação à equipe. (Figura 1).



Figura 1: Sessão de Cinoterapia denominada “Tarde dos Melhores Amigos” no CAPS em Recife-PE, possibilitando a interação de pacientes ao trabalhar a socialização mediante o contato com os “Cães Doutores” Nina, Kiker, Luna e o cão residente Freud. Fonte: Arquivo pessoal.

A equipe “Cães Doutores” realiza um excelente trabalho levando melhor qualidade de vida para as crianças que se encontram nas enfermarias de hospitais, para os jovens e adultos com problemas sociais e psicossociais, proporcionando mais alegria aos idosos e diminuindo os sintomas de depressão que geralmente acompanham as pessoas

da terceira idade. Becker e Morton (2003) acreditam que o cão pode beneficiar pessoas de diferentes faixas etárias. Com as crianças estes animais estimulam o senso de responsabilidade ao fazê-los cuidar de outra criatura. Nos idosos os cães proporcionam uma maneira de manter essas mesmas habilidades. O cão residente na instituição do CAPS possibilita essa interação afetiva com os pacientes, ao permitir que cuidem do bem-estar do animal e ao mesmo tempo fazendo com que eles deixem a equipe terapêutica cuidar da sua saúde.

Observando os pontos abordados na metodologia do estudo e o aporte teórico que foi pesquisado como base para o desenvolvimento desse trabalho, demonstrou-se que o cão pode fornecer condições mais agradáveis para pacientes em ambientes hospitalares, como é o caso das crianças no HBL em Recife-PE (Figura 2).



Figura 2: Terapeuta voluntária em sessão de Cinoterapia no Hospital Barão de Lucena em Recife-PE, na presença dos “Cães Doutores” Lara (Pug) e Nala (Golden Retriever), estimulando o sistema sensorial da criança e motivando sua recuperação. Fonte: Arquivo pessoal “Cães Doutores”.

Para um adulto já é complicado se manter internado no hospital e não deixar que aquele ambiente o afete emocionalmente. No caso de crianças o internamento acarreta malefícios ainda maiores. O ambiente hospitalar muda a criança, tornando-a antissocial e

dificultando sua recuperação no momento que ela se nega a se alimentar e a realizar as atividades propostas pela equipe terapêutica. Becker e Morton (2003) e Dotti (2005) afirmam que os cães ajudam na recuperação de pacientes em hospitais, proporcionando ânimo e mascarando o foco da sua dor ao desviar sua atenção para um objeto exterior, fora de seus problemas e preocupações, o afago ao animal se torna uma prática tranquilizante.

Embora a Associação Novo Rumo tenha como foco de atendimento a crianças com Síndrome de Down, também é permitido crianças com outras necessidades especiais, como hiperatividade, que era o caso do menino Pedro. Sua mãe o relatava como sendo uma criança muito inquieta. Contudo, Pedro se mostrou bastante retraído ao entrar na área de interação da Associação, buscando sempre o colo da mãe. O voluntário, Filipe, utilizou o seu cão Bruce, da raça Golden Retriever, para se aproximar de Pedro. Ele olhava o cão, mas não o tocava e sempre ficava se escondendo nos braços da mãe.

Uma nova tentativa de aproximação foi realizada com um cão de porte menor, da raça Pinscher, a Juju, a qual foi vestida com uma roupinha exclusiva para estimular Pedro a conversar sobre ela. Era-lhe pedido para tocar em Juju e acariciar seu pelo. Pedro olhava para ela e sorria, mas continuava a se encostar na mãe, chorando quando se tentava tirá-lo do colo dela. Então resolveu-se mantê-lo perto de sua mãe, mas mantendo os cães por perto e trazendo outras crianças que não demonstravam receio com os animais.

Pedro observou por um tempo as crianças tocando nos cães, até que sozinho chegou a encostar a mão em Bruce. Depois disso era notório o sorriso e a alegria em seu rosto ao interagir com os cães acariciando seu pelo, oferecendo-lhes petiscos na própria mão e escovando seus pelos. Nesse momento ele já estava interagindo com todos os cães presentes na atividade, a Brigitte (uma Shar Pei), o Bono (um Labrador), a Juju e o Bruce. A mãe de Pedro elogiou a experiência por notar como ele saiu mais calmo e mais socializado após participar da Atividade Assistida na presença dos cães. Após poucas sessões, Pedro já não se importava em estar longe da mãe, sentando ao lado dos cães e dos voluntários, conforme ilustrado na Figura 3.



Figura 1: Criança com Síndrome de Down e o menino Pedro participando com os voluntários da Atividade Assistida por Animais na Associação Novo Rumo, em Recife-PE, na presença dos cães coterapeutas Bono (Labrador), Juju (Pinscher), Bruce (Golden Retriever) e a cadela Brigitte (Shar Pei). Fonte: Arquivo pessoal.

Uma das crianças do Instituto Materno Infantil (IMIP), Mateus, 7 anos, é portador de paralisia cerebral, um conjunto de desordens permanentes que afetam o movimento e a postura. Era sua segunda visita ao IMIP e a primeira visita com os “Cães Doutores”. No primeiro contato as terapeutas e a fisioterapeuta queriam tirar Mateus da cadeira de rodas e colocá-lo sentado ao tatame junto as outras crianças e os cães, mas ele chorou e não permitiu. Porém, ao observar os cães e as outras crianças, aos poucos ele parou de chorar. A voluntária e tutora de Lara aproximou-se de Mateus com a cadelinha no braço e tentou novamente tirar Mateus da cadeira de rodas, com sucesso. O garoto passou a interagir com maior contato com a equipe terapêutica. Segundo o fisioterapeuta do IMIP, Mateus em sua primeira visita não parou de chorar e não saiu da cadeira de rodas.

Com o auxílio da Cinoterapia, a fisioterapeuta foi capaz de estimular Mateus a realizar movimentos importantes para sua condição clínica. Sempre com auxílio de uma das profissionais de saúde, Mateus era conduzido a acariciar o pelo do cão. Como dito

anteriormente, o estímulo tátil da pessoa com o cão proporciona sensação de bem-estar à medida que reduz a frequência cardíaca e respiratória, além de transmitir segurança. (Figura 4).



Figura 4: “Cães Doutores” em sessão de Cinoterapia no IMIP em Recife-PE. A equipe trabalha as funções motoras e cognitivas das crianças (Mateus, André, Pedro e outras) com o auxílio dos cães coterapeutas Lara (Pug) e Jake (Golden Retriever). Fonte: Arquivo pessoal.

Um dos sintomas da paralisia cerebral além da dificuldade para caminhar e falta da coordenação muscular, é também a dificuldade em realizar movimentos precisos. Diante disso a fisioterapeuta e terapeuta ocupacional utilizavam a escova dos cães para auxiliar Mateus no movimento de pegar a escova e passar no pelo do cão, realizando movimentos horizontais sobre o dorso do animal. Durante esses exercícios Mateus constantemente expressava um sorriso em sua face, demonstrando que estava se divertindo naquele momento. Sua avó estava presente o tempo todo na sala durante a sessão de TAA, e ficou emocionada ao ver o neto se divertir naquele ambiente que, para ela, era complicado imaginá-lo cooperando em procedimentos terapêuticos, cercado por pessoas estranhas, o que de fato aconteceu anteriormente, como foi relatado pelo fisioterapeuta do IMIP.

Algumas vezes tem crianças que não aceitam interagir com os terapeutas e nem com os animais, não querendo sair de perto da mãe e se aproximar das demais pessoas naquele ambiente. Quando isso ocorre, a equipe busca outras maneiras de interagir com a criança, utilizando brinquedos e fantoches, na tentativa de acalmá-la e fazê-la parar de chorar. Este foi o caso de André, um menino de 2 anos com deficiência motora nos membros inferiores e que não queria se aproximar dos cães, chorando constantemente. Após a terapeuta, o fisioterapeuta e a mãe de André utilizarem os fantoches para acalmá-lo, apresentaram a ele a cadela coterapeuta Lara. Embora André não tenha tocado em Lara como ocorreu com as outras crianças, ele pelo menos não demonstrou medo por estar perto dos cães. É dessa forma que se trabalha aos poucos a socialização da criança com o animal. (Figura 5).



Figura 5: Terapeuta junto a cadela Lara do “Cães Doutores” em sessão de Cinoterapia no IMIP em Recife-PE. Trabalhando a socialização da criança, André, com os cães. Fonte: Arquivo pessoal.

Uma cena marcante durante as sessões do IMIP foi com um menino de 3 anos de idade e a cadela Lara. Pedro é uma criança que frequenta as sessões por expressar transtorno por déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). Durante a sessão ele

interagia normalmente com os cães, porém sua forma de tocar os animais era um pouco agressiva e ele não tinha controle sobre sua força ao realizar determinados movimentos. A terapeuta, ao perceber isso, demonstrou para Pedro como era a forma correta de fazer carinho no animal ou em outra pessoa. Para essa demonstração ela pegava na mão de Pedro passando-a gentilmente sobre seu rosto e depois no pelo do cão, repetindo verbalmente que isso se tratava de carinho e que precisava ser gentil ao tocar no animal. Após essa interação ensinaram para Pedro como escovar a pelagem do cão, utilizando uma escova. Enquanto ele penteava os pelos de Lara, bateu com a escova na cabeça da cadela, que não esboçou a menor reação de agressividade, tornando essa cena marcante. (Figura 6).



Figura 6: Fisioterapeuta e equipe “Cães Doutores” em sessão de TAA trabalhando funções motoras com o menino Pedro e promovendo a socialização da criança com o cão doutor, Jake (Golden Retriever) junto a cadela Lara (Pug). No IMIP em Recife-PE.

A tutora de Lara pegou a cadela no colo como uma maneira de aliviar a dor do animal. Aquele breve momento entre Lara e Pedro seria suficiente para uma reação negativa por parte dela devido à dor sentida pela ação da criança. Lara demonstrou como um cão coterapeuta deve se comportar durante a sessão de TAA, como foi discutido anteriormente nas características desejáveis que um cão deve apresentar para ser apto a realizar este trabalho.

Pode-se perceber, por meio do estudo, que a participação da equipe de Cinoterapia juntamente com os profissionais da saúde foi capaz de promover uma melhora no desenvolvimento das práticas terapêuticas. A presença do cão facilitou o trabalho com crianças em estado clínico delicado, como a paralisia cerebral no menino Mateus que participa das sessões de TAA no IMIP. Estas observações vão de encontro a afirmação de Dotti (2005), quando diz que a Cinoterapia possibilita a aproximação entre as pessoas causando uma interação social e que seus resultados são consequências de efeitos sobre os aspectos emocionais do paciente, por serem espontâneos e inesperados, gerando resultados apenas com a presença do animal.

Conforme discutido ao longo do estudo o cão destinado a se tornar um coterapeuta precisa demonstrar aptidão para o serviço, assim como a cadela Lara se comportou de maneira excepcional na sessão de TAA do IMIP, deseja-se que os demais cães que venham a fazer parte da equipe de Cinoterapia tenham a mesma postura diante de situações semelhantes.

Um cão da raça Shih tzu, que estava sendo testado para ingressar nos “Cães Doutores” apresentou um comportamento excelente nos testes anteriores, porém, no teste de estímulo o cão foi reprovado por apresentar um forte comportamento de possessividade com o brinquedo. A princípio este cão poderia se tornar um coterapeuta para trabalhar com idosos, por não ser necessário estimular brincadeiras. O adestrador sugeriu à tutora do Shih tzu que ela brincasse diariamente em casa, ensinando-o a deixar o brinquedo em troca de um petisco, até que ele preferisse brincar com sua tutora do que com o objeto. Após 15 dias de treino o cão foi reavaliado e demonstrou melhora, tornando-se apto para os “Cães Doutores”. Contudo, para maior segurança tanto do animal quanto das pessoas que irão interagir com ele, o ideal é que o cão seja aprovado em todos os testes.

Portanto, o cão é o ponto chave para a realização de um bom programa de Cinoterapia, e os “Cães Doutores” trabalham com seriedade durante as avaliações e testes comportamentais para escolher esses animais afim de beneficiar determinado grupo de pacientes. Os adestradores não designam um cão como coterapeuta se ele não passar em todos os testes de avaliação. Como foi abordado na revisão de literatura, existe uma avaliação parcial para determinada atividade, mas com os “Cães Doutores” a avaliação é de forma geral, o animal está apto ou não está apto para a A/TAA. Além disso, foi demonstrado também que existem diversos testes para esta finalidade ficando a critério

do adestrador como será desenvolvido para aquele ambiente de teste, porém, o ideal era ter uma padronização. Segundo Rocha (2016) os testes de avaliação comportamental no Brasil para A/TAA são baseados em metodologias subjetivas, sem avaliação da confiabilidade e validade do teste. A autora alega que os testes americanos também trazem falhas, mas por serem padronizados aumentam as chances de obter resultados mais precisos do comportamento do animal.

Acredito que quem compartilha da experiência de ter um cão em casa sabe que esse animal é capaz de nos apoiar emocionalmente, de nos proporcionar afeto de uma forma tão sincera e acolhedora que nem sempre conseguimos de uma pessoa ou simplesmente não sabemos demonstrar para alguém que estamos precisando. De uma maneira bem curiosa, os cães apenas sabem que precisamos, sentem isso de algum modo. Por isso, foi bastante prazeroso acompanhar essa interação dos cães com pessoas que estão passando por necessidades especiais. Sendo uma futura profissional da área animal é muito gratificante ver pessoalmente como os animais, em especial os cães, podem contribuir para a saúde do ser humano, possibilitando que os dias de internação nos hospitais sejam mais leves e esperançosos.

5. CONCLUSÃO

A Atividade/ Terapia Facilitada por Cães, ou Cinoterapia, é uma modalidade importante de tratamento adjuvante, que auxilia os profissionais de saúde na aplicação de métodos terapêuticos para pacientes com problemas psicomotores, neurológicos ou emocionais, facilitando a sua prática, com os resultados positivos sendo observados mais rapidamente.

REFERÊNCIAS

APROBATO FILHO, N. Fidelidade e Traição entre Cães e Seres Humanos. **Scientific American Brasil**, São Paulo, Duetto Editorial, n.92, Janeiro, 2010.

AIELLO, K.R. **Cão ideal para A/TAA**. In: DOTTI, J. *Terapia e Animais*. São Paulo: PC Editoriais, 2005. p.242-252.

BECKER, M; MORTON, D. O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DOTTI, J. *Terapia e Animais*. São Paulo: PC Editoriais, 2005.

FOLLAIN, M. **Zooterapia ou TAA (terapia assistida por animais)**. 2009. Disponível em: <http://www.anda.jor.br/21/05/2009/zooterapia-ou-taa-terapia-assistida-por-animais>>. Acessado em: 01/03/2016.

HEIDEN, J; SANTOS, W. **Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos**. In: Seminário Integrado de Pesquisa e Extensão Universitária. XII SEDEPE. I SIPEX. 2012.p. 1-10.

ROMA, R.P.S. **A relação entre o terapeuta, o condutor e o cão no contexto da terapia assistida por animais**. In: CHELINI, M; OTTA, E. *Terapia Assistida por Animais*. São Paulo: Manole, 2016. p. 131-147.

ROCHA, C.F.P.G. **Comportamento animal**. In: CHELINI, M; OTTA, E. *Terapia Assistida por Animais*. São Paulo: Manole, 2016. p. 61-95. (a)

ROCHA, C.F.P.G; MUÑOZ, P.O.L; ROMA, R.P.S. **História do relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA**. In: CHELINI, M; OTTA, E. *Terapia Assistida por Animais*. São Paulo: Manole, 2016. p. 45-57. (b)

THALMANN, O. SHAPIRO, B. CUI, P. et al. **Análises genéticas mostram que todas as espécies de cachorros ao redor do mundo surgiram a partir da domesticação de lobos europeus**. Novembro, 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/estudo-afirma-que-primeiros-caes-foram-domesticados-na-europa>>. Acessado em: 10/06/2016.

VASCONCELLOS, A.S. **O bem-estar do animal coterapeuta.** In: CHELINI, M; OTTA, E. *Terapia Assistida por Animais.* São Paulo: Manole, 2016. p. 149-170.

APÊNDICES

APÊNDICE1

Relato de Experiência por Profissional

Terapeuta: Andréa Souza

Paciente: Vitória Naome

Local: Hospital Barão de Lucena

Tivemos a oportunidade de trabalhar com uma Criança numa situação bem especial. A filha da Faby, Vitória, com síndrome de Down que passou muito tempo no hospital após o nascimento devido a necessidade de realizar uma cirurgia cardíaca, apresentava atraso em seu desenvolvimento, além do atraso típico da síndrome de Down, mas também devido ao seu longo período de internação por causa da recuperação clínica ligada a cirurgia. Enquanto se encontrava internada na enfermaria do Hospital Barão de Lucena no Recife-PE, Vitória passou a participar dos trabalhos com os cães na Cinoterapia. Ela tinha 1 ano e alguns meses, ainda não andava e não falava. Então utilizamos os cães para estimular o seu desenvolvimento motor e sua fala. Trabalhamos o fortalecimento da musculatura abdominal e das pernas para que ela pudesse desenvolver o andar. No início eu segurava a Vitória em volta da sua cintura para a mesma ter apoio ao ficar de pé, deixando o Cão Doutor do lado dela para que o tocasse tendo que agachar na hora de realizar este afago no animal. A medida que ela dominava o equilíbrio do seu corpo foi o momento de estimular o seu andar afastando o cão para que a mesma desse alguns passos até o animal. Vitória, tinha preferência por cães de grande porte, quanto maior o cão mais ela se interessava querendo ter contato com ele. Com relação ao falar procuramos estimular esse mecanismo também através do cão doutor, usando o som do latido do animal como meio de estímulo para Vitória tentar reproduzir e interagir na atividade, com auxílio do tutor do animal eu solicitava para que pedisse pro cão latir e assim Vitória tentava imita-lo. Obtivemos bons resultados no tratamento da criança, pois através da presença do cão foi possível realizar as atividades que se pretendia com ela, exercícios para trabalhar o equilíbrio, a musculatura e exercícios cognitivos também. O cão nessas atividades fornecia uma realização de exercícios mais divertido, a criança mesmo tendo que fazer essas atividades necessárias para o seu melhor desenvolvimento estava sempre contente e feliz durante a execução dos exercícios. Depois de obter êxito no seu desenvolvimento motor e na sua fala se foi necessário trabalhar outras atividades com a Vitória e para isso usamos o colete funcional no cão com presença de zíper e botões deixando que ela brincasse com esses recursos trabalhando melhor a sua motricidade ao abrir e fechar o zíper ou botão. Usar a escova no pelo do cão trabalhando também sua coordenação motora. Realizamos estes exercícios com a finalidade de praticar desde esse momento os movimentos necessários para ela conseguir segurar um lápis e desenvolver sua escrita, porque hoje, Vitória frequenta a escolinha então atividades como essa foi importante para fazer ela ter uma vida normal, o mais próximo possível das outras crianças. Essa foi a atividade mais atual que tivemos com a filha da Faby, mas hoje em dia Vitória não se encontra mais realizando a Cinoterapia com os Cães Doutores por ter mudado de endereço, mas enquanto esteve nesse ambiente e até mesmo recebendo alta

sua mãe a levava para participar de algumas das sessões de Cinoterapia que ministramos no Hospital Barão de Lucena, e a mesma reconhece a evolução da sua filha com o antes e o depois da Cinoterapia. Trabalhamos ainda com ela e a com própria mãe a parte de humanização, atendimento, assistência dentro de um hospital. A Faby, relatou pra gente o quanto se sentia mal passando o primeiro aniversário da Vitória no Hospital e o seu sonho era ter a oportunidade de comemorar o aniversário da filha como ela merecia, comemorando a recuperação quando saiu da cirurgia cardíaca. Então, sabendo disso os voluntários dos Cães Doutores fizeram a festa de aniversário da Vitória que foi realizada no hospital comemorando os seus 2 anos de vida. Foi um momento bem emocionante, a mãe nos agradeceu bastante e os convidados especiais eram os nossos Cães Doutores.

APÊNDICE2

Relato de Experiência por Familiar

Mãe da paciente Vitória: Fabiana Ferreira

Local: Hospital Barão de Lucena

Passei toda minha gravidez sem saber da Síndrome de Down em Vitória e quando ela nasceu de parto prematuro, a pediatra me falou sobre a síndrome. Além da síndrome também me falou a possível cardiopatia congênita que logo mais tarde também foi confirmada. Aos dois meses e vinte dias de nascida ela teve bronquiolite e começou toda nossa luta. Com quinze dias de internamento ela contraiu uma bactéria e foi para UTI pela primeira vez, passou uns dias lá e voltou para a enfermaria, mas uma semana depois ela retornou a UTI sendo entubada pela segunda vez, foram mais de dois meses para enfim irmos para o Pronto Socorro Cardiológico (PROCAPE) fazer a correção cardíaca. Quando ela completou um ano e cinco meses teve outra infecção respiratória e foi ai que conhecemos essa pessoa tão maravilhosa que é a Dra. Andréa e a equipe dos Cães Doutores. Vitória era acompanhada por fisioterapeuta, fonoaudióloga e outra excelente terapeuta ocupacional. Ao ver os cães pela primeira vez os olhos de Vitória brilharam, eu em si tive receio apesar de ter tido alguns cães, mas também eu tinha sido mordida na infância e como no projeto tem muitos cães grandes fiquei receosa, mas para a minha surpresa foram os que mais Vitória se identificou, quando ela completou um ano e nove meses, ou seja, quatro meses com a Cinoterapia, ela passou a andar pela primeira vez. Não podia veros cães na rua que queria brincar com eles e falava: “mama, auau”. Andréa também trabalhou muito com ela e com as outras crianças com as roupinhas dos cães que vinham com “velcro”, zíper, botões e entre outros acessórios. Daí por diante, Vitória deu uma evoluída maravilhosa. Por enquanto no HBL só tem a Cinoterapia para crianças internadas, mas no HC, na Associação Novo Rumo e no IMIP tem para crianças que são atendidas nos ambulatórios e que fazem tratamento na associação. Eu e Vitória depois de pacientes (porque eu fiz tratamento também por causa do meu medo dos cães) passamos a ser voluntárias do projeto e foi ai que vi o bem que nós junto com os Cães Doutores fazemos as pessoas. Vi tantos pais com o mesmo receio que eu e que logo mudavam de ideia, pois viam a evolução dos seus filhos. Deveria ter esse tratamento em todos os hospitais, associações entre outros lugares. Pois, como sempre dizemos: “Descobrimos que remédios não vem só em frascos, as vezes encontramos a cura em quatro patas.”

APÊNDICE3

Relato de experiência por Profissional

Terapeuta: Andréa Souza

Local: Centro de Atenção Psicossocial – CAPS

No CAPS temos o programa do animal residente, um cão que mora na residência e participa da dinâmica interagindo com os pacientes que frequentam diariamente a instituição, no caso de pacientes mais graves tem os que ficam pernoidando lá, portanto é 24 horas de atendimento no CAPS. Já observamos pacientes com esquizofrenia, transtornos psicóticos que não falavam com ninguém até começarem a interagir com o cão do CAPS, Freud, então a interação partiu do Freud para posteriormente começar com nós da equipe terapêutica. Pacientes com quadros graves de depressão e que tinham ânimo para interagir com Freud brincando e sorrindo para o animal, a partir daí começaram a se interessar pelas coisas do CAPS por meio dele. Tivemos um caso com um paciente que era bastante inadequado na sua forma de falar e tratar as pessoas em sua volta, não cumprindo horários e nem com as necessidades exigidas para o seu tratamento, sem tomar seus medicamentos nos horários corretos. Sempre desrespeitava as pessoas no seu ambiente de trabalho chegando a não ter limites com ninguém na forma de tratar os outros. Então quando Freud foi para o CAPS esse paciente se vinculou muito bem ao cão, chegou a ter responsabilidades com Freud, a gente estimula que os pacientes cuidem do cão também. Fazemos uma escala semanal para quem nos dias da semana irá ficar responsável para colocar a comida de Freud, a água, fazer a limpeza dos recipientes da ração e água do cão. Quando esse paciente passou a assumir responsabilidades com Freud diante desse vínculo que eles tinham a equipe terapêutica foi observando a mudança no comportamento do paciente, buscando elogiar o paciente dizendo o quanto ele estava responsável e como ele estava fazendo bem para o Freud. E aí ele começou a mudar também a sua própria atitude perante as coisas da vida, começou cumprir melhor os acordos relacionados ao tratamento, a tomar a medicação, a chegar nos horários corretos no CAPS para o seu tratamento, não abordar as pessoas de forma inadequada, então houve uma grande mudança no seu comportamento e lá no CAPS a gente utiliza o Freud também para pessoas com transtornos mentais e muitos desses pacientes acabam se recusando a realizar a sua higiene pessoal, diante disso nas terças-feiras a gente dá o banho em Freud reunindo todos os pacientes para interagir nesse momento, limpando as orelhas do cão, cuidando das unhas, escovando os dentes. Com isso a gente estimula o paciente a fazer o mesmo com ele, cuidar de si mesmo, mostrando como é importante a questão da higiene pessoal.

ANEXO

Ficha de avaliação comportamental do cão para Terapia Assistida por Animais utilizada nos “Cães Doutores” de Recife-PE.

Nome do Cão: _____

Castrado: _____

Sexo: _____

Raça: _____

Idade: _____

Histórico do Cão:

- Agressão:

SIM () NÃO ()

Porque: _____

- Atração social/Socialização com pessoas/Cães:

SIM () NÃO ()

Porque: _____

Temperamento do Cão:

Ativo () Passivo () Reativo ()

Capacidade de interagir em situações específicas:

- Suporta pressão física: SIM () NÃO ()
- Objetos estranhos: SIM () NÃO ()
- Ambiente: SIM () NÃO ()

Análise dos impulsos:

- Alimento: SIM () NÃO ()
- Brinquedos: SIM () NÃO ()

Especificações do trabalho a realizar:

Definições dos exercícios recomendados:

Prática de simulação de enfermagem:

Resultado:

Apto ()

Não apto para os Cães Doutores ()

Recomendações:

Assinatura Comissão de Adeptadores
